

Os Jesuítas e a ocupação do espaço platino nos séculos XVII e XVIII

Artur H.F. BARCELOS¹

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-Brasil (PUCRS)

RESUMEN

El territorio hoy conocido como región platina, sufrió una ocupación tardía por parte de los europeos, en comparación con otras zonas del continente sudamericano, como fue el área andina del Perú. Fueron muchos los factores que contribuyeron a que en esta región se diera un proceso de ocupación distinto. Entre ellos destacan la distancia que la separaba del virreinato peruano, la escasez de recursos económicos y humanos para llevar a cabo las empresas de exploración y conquista, y sobre todo, la falta de atractivos económicos inmediatos. Este artículo ofrece un análisis de las estrategias de ocupación de esta área y del significado que tuvieron las órdenes religiosas, en especial la Compañía de Jesús, como promotoras de la ocupación territorial en la región platina entre los siglos XVII y XVIII.

Palabras clave: jesuitas, misiones, reducciones, guaraníes, espacio, Río de la Plata.

ABSTRACT

The region known as «Región Platina» was taken over by Europeans rather late in comparison to other areas in South America, as in the case of the Peruvian Andes. The occupation of Región Platina underwent a unique process due to several factors such as: the distance from the power centers in the Vice Kingdom of Peru, the lack of economic and human resources needed to explore and conquer, and above all, the lack of immediate economic rewards. This article

¹ Programa de Pós-Graduação em História-Área História Iberoamericana da PUCRS. Bolsista CAPES-Brasília, Brasil-Programa Sandwich, 02/2000-09/2000, UCM-Madrid, Espanha.

discusses the strategies used to conquer the area and analyzes the role which played religious ordinations in leading territorial occupations in the seventeenth and eighteenth centuries, in this case focusing on «La Compañía de Jesús».

Key words: jesuits, missions, «reducciones», Guaranis, territory, Río de la Plata.

O início da ocupação da região platina pelos colonizadores europeus remonta ao século XVI, período em que esta área encontrava-se assinalada aos domínios espanhóis por força ainda do Tratado de Tordesilhas, firmado entre as coroas ibéricas em 1494. O século XVI caracteriza-se por um duplo movimento espanhol nas porções meridionais da América: por um lado, a consolidação da conquista sobre as populações andinas da região do Peru-Bolívia e o início da exploração intensa dos minérios que esta zona propiciava; por outro lado, uma lenta e gradual exploração, com alguns estabelecimentos, do vasto território que circundava a bacia do Rio da Prata, com seus principais tributários, os rios Paraguai, Paraná e Uruguai.

Inicialmente sem atrativos econômicos imediatos, e povoado por inúmeras nações indígenas, este território somente passou a atrair o interesse da colonização espanhola a partir da segunda metade do século XVI; e o avanço português ocorreu apenas no final do século XVII. Sendo assim, sua ocupação com núcleos coloniais estáveis esteve inicialmente ligada a estrutura que estava sendo montada na região argentífera dos Andes. Cidades como Buenos Aires (1536 e 1580), Asunción (1537), Santa Fé (1573), Córdoba (1573) e Corrientes (1588) são exemplos de núcleos urbanos estabelecidos por espanhóis na região platina no século XVI. Desde o princípio, estes núcleos dedicaram-se a atividades pastoris e a relações comerciais com a zona mineradora do Peru. Asunción destacou-se como núcleo irradiador de fundações de povoados espanhóis como Ciudad Real del Guairá (1557), Villa Rica del Espíritu Santo (1577-1589) e Santiago de Xerez (1593). Estes povoados constituíram-se em pequenos centros de povoamento. Desde o princípio estavam relacionados com a exploração de erva-mate da serra de Mbaracayú, região rica em ervais nativos. Além disto, atuavam na produção de vinho e exploração de cera e mel. A atividade pecuária foi prejudicada nestes povoados em função das condições geográficas, principalmente pela falta de pastagens².

² CARAVAGLIA, J.C.: *Mercado interno y economía colonial*. Editorial Grijalbo, México, 1983, pp. 102-122.

Buenos Aires, por outro lado, tornou-se um importante entreposto comercial onde mercadorias européias eram intercambiadas com produtos da terra, como couro e erva-mate que chegavam a este porto em grandes quantidades, suplantando com o tempo a importância de Asunción no mercado interno colonial. Circulava nesta cidade uma grande quantidade de prata, em geral desviada dos centros mineradores andinos. A mão-de-obra com a qual contavam estas cidades era formada por indígenas, que logo foram submetidos a sistemas de exploração de seu trabalho servil através da *encomienda*. Sem uma integração efetiva entre estes estabelecimentos, no que tange a um planejamento da ocupação do espaço, as terras periféricas aos núcleos foram distribuídas de acordo com as relações políticas locais, sem uma ordenação estratégica conjunta, que visasse uma ocupação mais permanente, em que pese as determinações da administração metropolitana no tocante a organização urbana. A legislação para as Índias de 1523, por exemplo, estabelecia:

«Procuren tener el agua cerca, y que se pueda conducir al Pueblo y heredades, derivándola si fuere posible, para mejor aprovecharse de ella, y los materiales necesarios para edificios, tierras de labor, cultura y pasto, con que excusarán el mucho trabajo y costas, que se siguen de la distancia. No elijan sitios para poblar en lugares muy altos, por la molestia de los vientos y dificultad del servicio y acarreto, ni en lugares muy bajos, porque suelen ser enfermos: fúndese en los medianamente levantados, que gocen descubiertos los vientos del Norte y Mediodía: y si hubieren de tener sierras, ó cuestas, sean por la parte de Levante y Poniente»³.

«Ordenamos que el terreno y cercanías, que se ha de poblar, se elija en todo lo posible el más fértil, abundante de pastos, leña, madera, metales, aguas dulces, gente natural, acarreos, entrada e salida, y que no tengan cerca, lagunas ni pantanos, en que se crien animales venenosos, hi haya corrupción de ayres, ni aguas»⁴.

Esta legislação apontava para a preocupação com a estabilidade dos núcleos urbanos, mas não fazia referência a forma como se daria a ocupação continuada do território. Reconhecia a necessidade de um conhecimento prévio das condições geográficas locais, mas deixava em aberto o

³ *De la población de las ciudades, villas y pueblos*, Libro III, Tit. VII, p. 19. Ordenanza II. Recopilación de Leyes de los Reynos de las Indias. Madrid, Impresora de dicho Real y Supremo Consejo, 1971

⁴ *De la población de...*, *op. cit.*, Ordenanza III.

regime de fundações de novos núcleos. A ocupação se daria mais pela criação extensiva de gado, quando as condições assim o permitissem⁵, e não através de um maior número de núcleos urbanos. Isto aponta, em parte, para os interesses dos colonizadores da região, que buscavam nestas porções da América a possibilidade de tornarem-se proprietários de terras, se possível, de grande extensão. Por outro lado, os novos núcleos urbanos que foram fundados ao longo do século XVII estiveram por muito tempo entregues a sua própria sorte. Distantes de centros administrativos importantes, queixavam-se muitas vezes de sua situação de abandono e falta de recursos e apoio da Coroa⁶.

Diante deste quadro, percebe-se que a administração espanhola, apesar de seu interesse em consolidar sua presença na região platina durante o século XVI, não o fez de forma planejada e nem mesmo continuada. Para isto contribuíram uma série de fatores, tais como a falta de uma atividade econômica que exigisse a presença mais ostensiva de uma estrutura burocrática e administrativa; os poucos recursos econômicos dos primeiros colonizadores; a presença de populações indígenas que ofereceram resistências aos novos invasores de seu espaço social e econômico; a distância com os centros coloniais prioritários, como o Peru, dificultada pelo pouco conhecimento de formas de ligação terrestre e fluvial entre estes centros e os novos núcleos; e, não menos importante, a própria dimensão territorial, que exigiria o aporte de levadas significativas de colonizadores para uma ocupação mais consistente ainda no século XVI.

A OCUPAÇÃO DO ESPAÇO PELAS ORDENS RELIGIOSAS E O CASO DOS JESUÍTAS

O século seguinte foi marcado por uma outra postura frente ao território. A partir de núcleos já consolidados, sobretudo Asunción, teria início uma série de fundações de *pueblos* espalhados por uma área considerável e com novas orientações no tocante a suas atividades econômicas. No entanto, estas fundações não partiram diretamente de uma

⁵ Especialmente no tocante à resistência indígena, que obstaculizava o avanço sobre os campos abertos.

⁶ Ver por exemplo o trabalho sobre a província de Corrientes e os problemas que enfrentaram seus fundadores in: CAÑEDO-ARGÜELLES FÁBREGA, Teresa: *Un modelo de colonización en el Alto Paraná: la Provincia de Corrientes en los siglos XVI y XVII*, CSIC, Madrid, 1988.

ação da administração espanhola, mas sim se deram através da iniciativa evangelizadora das ordens religiosas católicas, tendo como objetivo, a conversão e integração das parcialidades indígenas. O trabalho de ordens religiosas já havia iniciado no século XVI. Porém, foi no século XVII que alcançou uma maior relevância. Este seria o século das missões religiosas, tanto franciscanas, quanto jesuíticas. É na ação continuada destas fundações que se percebe um planejamento e uma estratégia que, ainda que não explícita, transparece em atitudes e registros escritos dos missionários que participaram deste processo. E entre estes missionários destacam-se os membros da Companhia de Jesus e o resultado alcançado por estes junto aos índios Guaranis da antiga Província Jesuítica do Paraguai.

Esta diferenciação entre a forma de ocupação do espaço platino antes da ação dos missionários católicos e aquela verificada através do estabelecimento dos *pueblos de indios* não é apenas um esforço didático para compreender o processo, mas sim, algo passível de verificação se forem considerados uma série de elementos que contribuíram para que as expectativas dos jesuítas em relação à ocupação e exploração do espaço fossem, em parte, alcançadas. Entre estes fatores pode ser destacado em primeiro lugar o material humano ao qual os jesuítas dedicaram seus maiores esforços, os Guaranis, indígenas horticultores que habitavam vastas áreas de florestas subtropicais e possuíam assentamentos intinerantes, que alcançavam uma certa estabilidade na medida em que o meio lhes oferecesse os recursos necessários.

O ELEMENTO HUMANO: OS GUARANIS

Os Guaranis realizaram uma série de migrações e conquistas de territórios a partir da região da Bacia Amazônica, em direção ao sul do continente. Estas migrações intensificaram-se por volta 2000 A.P. Uma das causas destas migrações poderia estar em um episódio climático seco importante, cuja ocorrência estima-se entre 3000 A.P. e 2000 A.P., e que teria provocado uma crise na floresta equatorial amazônica e nas restantes massas florestais do continente⁷. Diante da perspectiva de condicionantes ecológicos, o papel das lideranças messiânicas foi redimensionado.

⁷ KERN, Arno A.: *Antecedentes Indígenas*. EDUFRGS (Editora de la Universidade Federal do Río Grande do Sul), Porto Alegre, Col. Síntese Universitária, 1994.

Com relação a estas constantes migrações dos Guaranis, Meliá refere-se a um comportamento ecológico ligado à necessidade de manutenção de um padrão de exploração dos recursos naturais. Baseia-se na documentação dos primeiros contatos entre Jesuítas e Guaranis, no caso dos relatos do Padre Roque Gonçalves⁸. Nestes relatos há várias referências as intensas atividades agrícolas, que se desenvolviam nas extensas capoeiras das matas da região do Tape. Isto significa que eram trabalhadas superfícies consideráveis de matas e bosques. Meliá acredita que a procura de terras novas, ainda não cultivadas, pode ter dinamizado muitas das migrações Guaranis. Esta procura de uma terra «com recursos» chegou a ser confundida com a procura de uma terra «sem mal» e isto significaria mito e economia confundindo-se em um único momento:

«Es el tema del yvy marane'y tan significativamente polisémico en la etnohistoria guarani»⁹.

Desta forma, seguindo incentivos mitológicos ou econômicos, quando não ambos, os Guaranis teriam migrado da Amazônia para o sul, pelos caminhos hidrográficos da Bacia Platina. A área por eles ocupada estendeu-se desde o sul do Mato Grosso e do Trópico de Capricórnio, até a foz do rio da Prata. Ocuparam, sobretudo, os vales dos grandes rios Uruguai, Paraguai e Paraná, e de seus afluentes. O limite de sua penetração neste território deu-se justamente nas matas de araucária do planalto, limitando-se as áreas cuja altura não ultrapassava os 700 m. Da mesma forma não fizeram incursões significativas pela região do Pampa. Verifica-se assim a intenção de permanecer em áreas onde estivessem garantidas determinadas condições de calor e umidade¹⁰. Como praticantes de uma horticultura em meio à floresta, buscavam ambientes propícios a reprodução desta forma de abastecimento, sem abrir mão da caça e da coleta. É este elemento humano local, com tendências ao sedentarismo, que será o objeto principal da catequização promovida pelos inácianos.

⁸ MELIÁ, Bartomeu: *La demografía del Tape: una evaluación*. In: Anais do IV Simpósio Nacional de Estudos Misioneiros, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1981.

⁹ MELIÁ, Bartomeu: *Op. cit.*, p. 51.

¹⁰ KERN, Arno A: *Antecedentes Indígenas*. EDUFRGS, Porto Alegre, Col. Síntese Universitária, 1994, p. 106.

O ELEMENTO HUMANO: OS JESUÍTAS

Outro aspecto importante do relativo êxito alcançado pelos jesuítas se refere à própria formação destes missionários. Muitos deles eram originários de famílias abastadas da Europa, que seguiram o caminho do clero. Em geral a formação destes homens era heterogênea, com base teológica, mas, em muitos casos, com sólidos fundamentos de filosofia, matemática, astronomia, geografia, etc. Há que se considerar ainda a presença nesta ordem religiosa dos chamados irmãos leigos. Estes eram missionários que atuavam nas frentes de cristianização, mas que não faziam os votos de ordenação, permanecendo apenas como «irmãos», e não «padres». Entre os irmãos leigos havia alguns cuja formação em muito contribuía para os objetivos da ordem em suas missões. Eram arquitetos, cartógrafos, músicos, botânicos, astrônomos, etc.

Além da formação generalista que recebiam nas escolas e seminários maiores da Europa, estes missionários adquiriam na América uma nova formação, relacionada ao conhecimento local. Entre estes conhecimentos destaca-se a importância do aprendizado dos idiomas das populações indígenas entre as quais iriam atuar. Com relação ao aprendizado dos idiomas destaca-se o centro de estudos de línguas andinas estabelecido na doutrina de Juli no Peru¹¹ e os trabalhos sobre a língua guarani publicados por Juiz de Montoya e que serviram de base para os missionários que atuaram com esta parcialidade indígena¹². Além do idioma, os jesuítas dedicavam-se ao reconhecimento da geografia, dos recursos naturais e das potencialidades econômicas que esta região apresentava. Esta não era uma postura nova na ordem jesuítica. Já nos trabalhos do Padre José de Acosta, no final do século XVI (1590), apareciam estas preocupações. Como por exemplo o volume intitulado *Historia natural y moral de las Indias*¹³, que consistia em um verdadeiro tratado de geografia e antropologia dos territórios e populações da América Central. O subtítulo da obra já antecipava o caráter geográfico e antropológico:

¹¹ A questão da importância da Doutrina de Juli como antecedente das Missões do Paraguai foi tratada em BARCELOS, Artur H.F.: *Espaço e Arqueologia nas Missões Jesuíticas: o caso de São João Batista.*, Col. Arqueologia, vol. 7, EDPUCRGs (Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), Porto Alegre, 2000, pp. 96-103.

¹² MONTOKYA, Antonio Ruiz de: *Tesoro de la lengua Guaraní*, Juan Sánchez, Madrid, 1639; e *Arte y Vocabulario de la Lengua Guaraní*, Juan Sánchez, Madrid, 1640.

¹³ ACOSTA, Jose de: *Historia natural y moral de las Indias*. Fondo de Cultura Económica, México, 1940.

«en que se tratan las cosas notables del cielo, elementos, metales, plantas y animales dellas y los ritos y ceremonias, leyes y gobierno de los indios».

No tocante aos jesuítas que atuaram na região platina ao longo dos séculos XVII e XVIII, encontram-se geógrafos, cartógrafos, astrônomos, todos dedicados à elaboração de cartas e mapas, descrições de relevos, climas, flora e fauna, observações astronômicas e suas relações com regimes pluviais e estações de plantio e colheita, etc. Com um certo tom laudatório, José M. Estrada referia que os jesuítas, tal como

«viajeros infatigables abrían sin cesar a las ciencias campo para sus exploraciones. La geografía, la lingüística, la botánica y la historia les deben en América sus primeros rudimentos,...»¹⁴.

Por outro lado, é preciso considerar que estes relatos descritivos, que davam ênfase a elementos geográficos, estavam em voga nos séculos XVII e XVIII e não são exclusivos dos membros de ordens religiosas. São característicos de um momento em que a «História» ainda mesclava-se à geografia e a história natural. Referindo-se a esta característica dos textos de jesuítas na região platina, Gustavo Verdésio destaca:

«Sobre este respecto, conviene aclarar que la inclusión de temas de historia natural era (...) algo normal para la producción historiográfica de la época; la explicación de esto es que la pertenencia a la formación discursiva historiografía no estaba total y exclusivamente determinada por el elemento temporal o cronológico. Por ello la historia de Lozano comienza por la descripción del territorio, la flora, la fauna, los aborígenes, para recién después pasar a la historia propiamente dicha (...)»¹⁵.

Sendo assim, os trabalhos de membros da Companhia de Jesus não podem ser visto apenas em seu caráter «utilitário» no tocante ao reconhecimento do espaço. Refletem muito mais a forma de produção do conhecimento histórico e geográfico no período. No entanto, sua importância

¹⁴ ESTRADA, José M.: *Fragmentos históricos*, Buenos Aires, 1901, p. 374.

¹⁵ VERDESIO, Gustavo: *La invención Del Uruguay: la entrada del territorio y sus habitantes a la cultura occidental*. Editorial Graffiti e Editorial Trazas, Montevideo, 1996.

para as ações sobre o espaço levadas a cabo pelos jesuítas na região platina é inegável.

É na cartografia que se destaca esta relação com meio que buscaram estabelecer os jesuítas ao longo de sua trajetória catequética na região platina. São muitos os religiosos da Companhia que se dedicaram à elaboração de mapas e cartas gerais e específicos, desde Juan Romero, que a partir de 1593 percorreu a região de Tucumán, Paraguay e Rio de la Plata, elaborando uma resenha geográfica que foi dada a conhecer através das Cartas Anuas, publicadas em 1605, até missionários como Sanchez Labrador e José Cardiel, que produziram seus trabalhos no século XVIII. Furlong procurou listar alguns dos mais proeminentes cartógrafos e geógrafos da Companhia¹⁶. Em seu levantamento se percebe claramente que descrever detalhadamente o meio físico e a elaborar mapas foi uma constante por parte dos jesuítas nos séculos XVII e XVIII na região platina. Não apenas aos propósitos da ordem serviram estes documentos gráficos da região. Menéndez y Pelayo afirmava que

«si existían mapas especiales del territorio, a ellos (os jesuítas) se debían; e imperfectos y todo, eram los únicos que habían servido de base par el arreglo de los límites com los portugueses en 1750»¹⁷.

Todas as informações que os missionários produziam tinham como objetivo um melhor conhecimento do espaço sobre o qual estavam expandindo a fundação de suas reduções. Também as *Litterae Annuae*, que foram organizadas pelo Padre Diego de Torres Bollo em 1609 significaram um grande conjunto de informações, que demonstram a produção contínua de relatos, descrições e tratados de temas ligados à geografia da ampla região platina¹⁸.

¹⁶ Como aqueles estabelecidos juntos aos índios Pampas e Serranos, ao sul e leste de Buenos Aires, com os Mocobis e Abipones ao norte de Santa Fé, com os Lules, Tonocotes e Isistines a leste de Tucumán e com os Guaycurús y Mbayas ao norte de Asunción. In: FURLONG, Guillermo: *Los Jesuítas y la Cultura Rioplatense*, Ed. Universidad del Salvador, Buenos Aires, 1984.

¹⁷ MENENDÉZ Y PELAYO: *Introducción a la Antología de poetas hispano-americanos*, Madrid, 1895, t. 2, p. CVII. In: FURLONG, Guillermo, 1984, p. 47.

¹⁸ Sobre a importância das «Cartas Anuas», sua forma de organização e seu estudo ver: MARTÍNEZ MARTÍN, Carmen; CARBONELL DE MASY, Rafael: «Análisis comparativo de las Cartas Anuas de la Provincia jesuítica del Paraguay (1618-1619) con dos documentos previos». *Revista Complutense de Historia de América*, UCM, 18, 1992, pp. 159-178.

FRONTEIRAS INTERNAS E FRONTEIRAS EXTERNAS

Ainda com relação aos elementos que permitiram aos jesuítas o estabelecimento de mais de trinta reduções entre os Guaranis, e diversas outras não tão estáveis com outras parcialidades, pode-se agregar a situação de fronteira na qual estes povos estavam inseridos. A fronteira, neste caso, tem um duplo caráter. Por um lado uma fronteira limite com os territórios lusos nas porções mais meridionais do Brasil. Por outro lado, uma «outra» fronteira no qual também esteve envolvida a participação dos jesuítas. Trata-se da fronteira interna, aquela que existia entre as áreas ocupadas pelos colonos espanhóis, constituída de centros urbanos e fazendas adjacentes, e os territórios indígenas circundantes. Furlong destaca que os jesuítas tiveram um papel importante para conter o avanço dos indígenas sobre as propriedades espanholas na região. Seus *pueblos* serviram como «barreiras» contra os *malones*¹⁹ promovidos pelos indígenas. Sobre esta forma de contenção das populações locais escreveria Miranda na primeira metade do séc. XVIII:

«Con la reducción de aquellas gentes al gremio de la Iglesia, han empezado a respirar un poco las ciudades y a lograr alguna quietud, pero no tanta que aun por los años treinta y cuarenta de este siglo (XVIII), no se viesen las provincias del Río de la Plata, del Tucumán, del Paraguay y de Santa Cruz de la Sierra, acosados de los bárbaros y en continuos sustos y peligros. Yo llegué a la ciudad de Buenos Aires el año de 1749, tiempo que habían tomado los infieles tanto ascendiente sobre los españoles, hacían estragos en las vecindades y casi a la vista de las ciudades, que apenas se atrevían a alejarse notablemente de ellos; y en algunas (como Salta y Córdoba) ni aun una legua»²⁰.

Além deste depoimento que descreve as dificuldades que foram superadas pelos colonos através da ação dos jesuítas, Furlong agrega outro, para o qual não apresenta o autor, e que também trata de reconhecer a importância das reduções jesuíticas na contenção de levantes indígenas:

¹⁹ MALÓN: Refere-se a levantamentos indígenas como revoltas, assaltos, ataques e saques de povoados, ranchos e estâncias.

²⁰ MIRANDA: «Vida de D. Domingo Muriel», p. 115. In: FURLONG, Guillermo, 1984, p. 158.

«van suavizando a los Indios, y fundando poblaciones, dan lugar a que los Españoles extiendan sus estancias no sólo a las tierras de que antes tenían dominio, sino a nuevas tierras, que antes no ocupaban. Todos saben que las mejores tierras estaban en poder de los infieles, unas que poseían ellos, otras que dominaban con sus correrías y ninguno osaba poblarse en ellos por temor del enemigo. Fundados los pueblos de indios, los españoles pueblan éstas con seguridad y sin sobresalto. Esta utilidad que ninguno negará ser grande, después de Dios se debe a los Jesuitas que desembarazando de enemigos el campo para que los Españoles extiendan sus estancias por todas partes juntan al servicio de Dios con la utilidad de los mismos españoles»²¹.

Este caráter de contenção da fronteira interna dava-se em todas as áreas que circundavam a região platina, ao norte, sul, leste e oeste. O avanço para as regiões interiores, estabelecendo reduções, fez com que os jesuítas participassem ativamente da ocupação de territórios que não estavam sob o controle das cidades e vilas espanholas. Passo a passo, foi constituindo-se uma «fronteira de inclusão» que

«significaban incorporación, más que asimilación de la población indígena em aquellas áreas por donde pasaba la frontera...»²².

Foi na fronteira leste dos domínios espanhóis da região platina que as reduções jesuíticas assumiram o papel de obstáculo ao avanço português. As reduções aqui referidas são aquelas constituídas junto aos guaranis. Desde as primeiras investidas, no início do século XVII, os jesuítas compreenderam que suas reduções iriam acabar chocando-se com os interesses portugueses na região. No século XVII este interesse dirigia-se para o apresamento de mão-de-obra indígena, atividade esta realizada em profusão por bandeirantes de São Paulo e São Vicente. O padre Roque Gonzales, um dos principais cronistas da penetração jesuítica na região do Tape, já demonstrava reconhecer que os portugueses tinham interesses nas terras da margem leste do rio Uruguai:

²¹ «Lo que utilizaran los Jesuitas con los Ministerios de infieles», pp. 427/428; (Arch. de Loyola). In: FURLONG, Guillermo, Buenos Aires, Ed. Universidad del Salvador, 1984, p. 158.

²² MESSMACHER, Miguel: *La búsqueda de Dios. Ocupación jesuita de la Baja California*. Fondo de Cultura Económica, México, 1997.

«Por el Yacuí me dijeron los indios entraban los portugueses en navíos pequeños, estando los grandes en alta mar a rescatar com ellos, trayendo mucha ropa de paño y muchos chapeos y traían muchas cosas (...)»²³.

O antagonismo entre a ocupação do território através da catequização e a exploração da região em busca de cativos (embora Roque Gonzales faça referência a um certo comércio de trocas) levou a graves confrontos envolvendo jesuítas, guaranis e bandeirantes. Após aproximadamente quatro décadas de investidas bandeirantes sobre as reduções jesuíticas do Guairá, Itatim e Tape, os missionários recuaram suas «fronteiras» para a zona interfluvial dos rios Paraná e Paraguai.

No final do século XVII, Portugal estabeleceram a Colônia do Santíssimo Sacramento nas margens do Rio da Prata. Com esta atitude os portugueses dirigiram seus interesses para uma ocupação efetiva da chamada Banda Oriental do rio Uruguai. A intenção inicial portuguesa era participar do intenso comércio que Buenos Aires propiciava. No entanto, a reação espanhola à sua presença deflagrou um longo conflito bélico e diplomático que se estendeu por todo o século XVIII. É no contexto deste conflito que as reduções jesuíticas de guaranis irão gradualmente assumindo cada vez mais o caráter fronteiriço. Este caráter foi marcante para as sete reduções fundadas na margem oriental do rio Uruguai a partir de 1682. As milícias formadas com guaranis das reduções foram ponta de lança da resistência espanhola nas contendas com os portugueses de Sacramento. Do lado Português, uma lenta ocupação teve início, com a fundação de núcleos urbanos como Rio Grande, Viamão, Rio Pardo, etc., e com distribuição de datas e sesmarias para estanceiros criadores de gado²⁴. Afiançando a fronteira hispânica na região platina, as reduções integravam-se e eram integradas cada vez mais ao mundo colonial espanhol. O apoio da coroa espanhola à estabilidade destes povoados na primeira metade do século XVIII tem uma relação direta com este papel de fronteira desempenhado com êxito pelas reduções.

²³ «Relación del P. Roque Gonzáles-Brah», Colección Mata Linares, ff. 75-84. In: CARBONELL DE MASY, Rafael Carbonel: *Estrategias de desarrollo rural en los pueblos Guaraníes (1609-1767)*, Antoni Bosch Editor, Barcelona, 1982, p. 61.

²⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy: *História do Rio Grande do Sul*. Mercado Aberto, Porto Alegre, 5.^a Edição, 1990, p. 13-19.

A ESTRATÉGIA JESUÍTICA NA OCUPAÇÃO DO ESPAÇO

Tentando uma visão de conjunto, que permita perceber como os fatores acima contribuíram para o relativo sucesso que os jesuítas obtiveram em suas reduções, mormente com as reduções de índios guaranis, é possível perceber que estes fatores possibilitaram também a construção de uma estratégia mais complexa para a realização de seus objetivos tanto no plano material, quanto no espiritual. Torna-se perceptível desde o princípio da ação jesuítica na região um posicionamento muito claro em relação ao que estava sendo feito em termos de cristianização indígena e os desdobramentos futuros deste trabalho no tocante a ocupação do território. A importância dada a estratégia de ocupação do espaço transparece em dois exemplos provenientes dos registros feitos por missionários que participaram da fundação de povoados na região do Tape, mais tarde conhecida como Banda Oriental do Rio Uruguay: Roque Gonzáles, que atuou na região na primeira metade do século XVII como promotor de diversas fundações; e Antônio Sepp von Rehegg, que promoveu a fundação de *San Juan Bautista*, em 1697, além de trabalhar em outras reduções da Província Jesuítica do Paraguay.

O padre Roque Gonzales, durante suas incursões pela região do Tape²⁵ em princípios do século XVII, procurava identificar a densidade demográfica, demonstrando com isto a importância que o elemento humano teria na estratégia que iria propor para a ocupação deste espaço:

«En toda la provincia habrá «veinte mil indios, labradores todos menos tres o quatro mil de las primeras cien leguas, desde Buenos Aires a la reducción de los Reyes de Yapeyú. Las siguientes cincuenta leguas es lo mejor de la Provincia de Buenos Aires, campos, islas, montañas y ríos: y así es toda la gente guaraní y labradora la que la habita. En dichas cincuenta leguas y en el Ibicuí, habrá de seis a siete mil indios en él poblados; (...)en las faldas de la cordillera dicha del Tape como mil, sobre dos riachos, Tebicuarí y Urubugua. (...) Luego hay otros dos mil indios: los de la Concepción, S. Nicolás y S. Javier, que son los reducidos mil indios, y de otros mil están por reducir (...)»²⁶.

Ao mesmo tempo em que descreve a geografia da região que estava explorando, Roque Gonzales faz projeções demográficas como forma de

²⁵ O Tape compreendia parte das regiões central e noroeste do atual Estado brasileiro do Rio Grande do Sul.

²⁶ «Relación del P. Roque Gonzáles...». In: CARBONELL DE MASY, Rafael: 1982, p. 61.

antecipar as atitudes que, segundo ele, deveriam ser tomadas para que a redução de índios na região do Tape alcançasse seus propósitos. Transparece em suas colocações uma estratégia de ocupação do espaço:

«Tanteando la tierra (...)he visto que por donde hemos de començar esta conquista espiritual es por la parte de S. Nicolás a veinte leguas del Tape. Fuera de esto procuraremos ir entablado nuestras reducciones cerca una de otras como comenzamos ya, porque de la Concepción a San Nicolás no hay más que cinco leguas, y a donde pretendíamos hacer outra, hay cinco leguas. Y así com facilidad se proveerán las reducciones; y lo principal es que ayudará a reducir la gente, porque es cosa cierta que una reducción hace la otra, y la otra la otra: lo cual no puede ser se están veinte o cuarenta leguas unas de otras, porque estaremos mil años en hacer las reducciones, como tenemos experimentado»²⁷.

Além desta estratégia de fundações contínuas, nas quais contava muito o elemento de proximidade entre os povoados, percebe-se que Roque Gonzáles conferia importância ao fato de que este sistema permitiria continua avançando sobre o território. Nesta etapa, o território ainda era visto como uma vasta área aberta a ocupação através de novas reduções. Além disto, o sistema pressupunha uma forma ordenada de organizar as novas fundações, organizando desde o princípio aqueles que viriam a ser seus núcleos urbanos:

«Está, pues, el pueblo en nueve cuadras: la una sirve de plaza, cada cuadra seis casas de cien pies y cada casa tiene cinco lances de a veinte pies y en cada lance de estos vive un indio con su chusma. En una de estas casas, la más vistosa y acomodada, y junto a la plaza, se señala el sitio para la iglesia, que esperamos ahora con la venida de Vuestra Reverência se dará orden cómo se ha de hacer, según la cédula de su majestad»²⁸.

Estas considerações de Roque Gonzales datam da primeira metade do século XVII, quando a ação jesuítica na região platina apenas começava a apresentar seus primeiros resultados. No entanto, denotam um pensar sobre o espaço, suas potencialidades, a estratégia de fundações de *pueblos*, e uma visão de médio e longo prazo para a ocupação territorial. Se

²⁷ *Idem*, *op. cit.*, p. 61.

²⁸ MELIÁ, Bartomeu: «Las reducciones jesuiticas del Paraguay: un espacio para una utopia colonial». *Estudios Paraguayos*, n.º 06 (1), 1978, p. 160.

isto não configura um planejamento da ocupação do espaço, pelo menos demonstra que o estabelecimento de assentamentos estáveis em áreas assinaladas para a coroa espanhola, no que se refere às reduções jesuíticas, não se deu ao sabor de sucessos ou insucessos imediatos, mas foi mediada por uma reflexão constante dos homens que se envolveram neste empreendimento. Esta reflexão permaneceu ao longo do século XVII e da primeira metade do século XVIII.

Passados os conflitos com os bandeirantes paulistas e o recuo das reduções para áreas mais seguras da mesopotâmia do Paraná/Paraguai, as novas fundações na região do Tape seguiram-se ao estabelecimento de Sacramento, em 1680. Este era um novo contexto, marcado pela importância que a região adquiriu como fronteira entre as frentes de expansão dos impérios coloniais ibéricos. As sete novas reduções da Banda Oriental, como dito anteriormente, foram envolvidas nos conflitos fronteiriços desde suas origens até o colapso na segunda metade do século XVIII. Desta forma, mais do que anteriormente, a presença portuguesa era um elemento importante a ser considerado na estratégia dos jesuítas para a ocupação do espaço. Em alguns momentos isto se tornou mais explícito, como foi o caso do desdobramento da redução de *San Miguel Arcanjel*, em 1697, que deu origem à redução de *San Juan Bautista*. O padre Antônio Sepp foi o responsável por esta nova fundação. Seus relatos sobre as atitudes que tomou para a escolha da nova localização e o estabelecimento inicial do assentamento aportam informações para a compreensão das estratégias jesuíticas em suas fundações de reduções.

Logo após proceder a escolha do local e dar início as atividades de determinação de futuras áreas urbanas e de plantio, o Padre Sepp recebeu ordem de deslocar-se novamente, avançando um pouco mais em direção oeste, cruzando para a outra margem do rio Ijuí. Sepp apresenta os motivos de tal ordem e também suas argumentações para negá-la:

«La razón de esta orden fue que los pueblos de San Miguel y San Juan eran casi adyacentes; de ahí resultaría que los vecinos se robarían mutuamente y recogerían lo que los otros habían sembrado. Para evitar este mal no habría mejor remedio que separar los dos pueblos terminantemente. El argumento parecía a primera vista concluyente, pero se habría causado otro daño peor aceptándolo»²⁹.

²⁹ SEPP, Antônio: *Continuación de Los Labores Apostolicos*. Editorial Universitaria, Buenos Aires, 1973, p. 217.

Os argumentos de Sepp, contrários a transferência, destacam o passado conflituoso da região envolvendo bandeirantes paulistas (mamelucos) e os guaranis das primeiras reduções do Tape. Sendo assim, acredita que a mudança proposta por seus superiores acarretaria no distanciamento da nova Redução em relação às demais e defende a proximidade das reduções como forma de facilitar a sua defesa pois:

«Aunque nuestros enemigos fueron privados de esta manera de su botín, no perdieron la esperanza de poder emprender nuevas incursiones. Nosotros y nuestros indios debemos temerles todavia en la actualidad»³⁰.

O Padre Sepp, embora negasse a transferência de *San Juan* para outro local, reconhece que em algum momento futuro se faria necessária a expansão das reduções até o litoral. Isto se daria em função da falta de terras aráveis para atender a uma população que tendia, naquele momento para um crescimento³¹. Também aparece a advertência a proximidade com os portugueses, visto que, este avanço significaria penetrar nas terras de Portugal, ou pelo menos, aproximar-se mais:

«Hay que tomar en cuenta además outra emergencia; que en el curso del tiempo será necesario fundar otras colonias al otro lado del río arriba mencionado y que pronto no habrá más tierra disponible. En este caso habría que ampliar el dominio de las misiones hasta la costa del gran océano e instalar nuevos semilleros cristianos en el país de los antropófagos brasileños. Y eso sería contrario al sentido común y a la caridad cristiana y de ninguna manera compatible con las obligaciones de un misionero que debe tratar de evitar que las ovejas entregadas a su cuidado pastoreen demasiado cerca de los lobos»³².

Percebe-se pelas opiniões de Antônio Sepp que, mais cedo ou mais tarde, se apresentaria aos missionários da Companhia a necessidade de ampliar o número de reduções para além da margem leste do rio Ijuí. Isto

³⁰ SEPP, 1973, p. 218.

³¹ Ver os trabalhos demográficos de MAEDER, Ernesto, J.A.: «Analogías y diferencias entre las reducciones guaraníes de franciscanos y jesuítas. Un ensayo de evaluación demográfica de sus resultados». In *V Jornadas Internacionales —Misiones Jesuíticas— Anais*, Montevideo, 1994, pp. 91-109.

³² SEPP, 1973, p. 218.

significaria, em último caso, estender as fundações até o litoral. É possível perceber que Sepp não reconhece esta área como portuguesa, mas sim, utiliza termos como «*demasiado cerca*». Sendo assim, as vastas terras que se encontravam entre o rio Uruguai e o litoral do atual Rio Grande do Sul, significavam para missionários como Sepp, pelo menos entre o fim do século XVII e primeira metade do século XVIII, uma área aberta para expandir a cristianização entre os índios através da fundação de reduções. Mesmo que isto significasse instalar-se muito próximo ao território português. De certa forma, Sepp reproduz as considerações de Roque Gonzales, que apontavam, quase oitenta anos antes destes episódios, para a necessidade de fundações próximas umas das outras. É preciso ter em conta que estas advertências de Antônio Sepp ocorrem justamente no momento em que estava em curso a disputa entre Portugal e Espanha pela posse da Colônia do Sacramento, o que significava na realidade, naquele momento, a posse e o controle de toda a banda oriental do rio Uruguai.

Não apenas homens como Sepp demonstravam uma preocupação com estas terras da Banda Oriental e as possibilidades e problemas que sua ocupação acarretariam. Do lado português, alguns cronistas também procuravam reconhecer, descrever e fazer observações a respeito do território que se estendia do rio Uruguai até o litoral. Dentre eles destaca-se o padre jesuíta português Luís Pessoa que, em 1658, produziu as *Informações sobre as terras do Sul*, para complementar um processo de concessão de cem léguas de terras no então distrito de Santa Catarina para Salvador Correia de Sá³³. Outro cronista importante foi Domingos da Filgueira, que produziu em 1704 o roteiro: *Como viajar por terra, da Colônia do Sacramento a Laguna*. Este relato demonstra a preocupação dos portugueses e reconhecer este território que estava se tornando estratégico como ligação entre os dois núcleos coloniais mais meridionais de Portugal no Brasil: Laguna e Sacramento³⁴. Estes cronistas deixavam claras as intenções portuguesas de reconhecer e ocupar este território fronteiriço.

³³ P. LUÍS PESSOA S.J.: «Informações sobre as terras do Sul -1658». In: CÉSAR, Gulhermino: *Primeiros Cronistas do Rio Grande do Sul 1605-1801*, EDUFRGS, Porto Alegre, 1981, 2.^a ed.

³⁴ FILGUEIRA, Domingos da: «Como viajar por terra, da Colônia do Sacramento». In: CÉSAR, Gulhermino: *Primeiros Cronistas do Rio Grande do Sul 1605-1801*, EDUFRGS, Porto Alegre, 1981, 2.^a ed.

Cronistas como Roque Gonzales e Antônio Sepp, permitem perceber a constante preocupação com uma estratégia de fundações de *pueblos* e de ocupação do espaço que levou em consideração o ambiente físico e as populações indígenas que nele habitavam. Resulta daí a significativa produção de mapas e descrições etnográficas realizada por diversos membros da Companhia de Jesus. Esta estratégia considerou também o caráter de fronteira, sejam fronteiras internas ou externas, que sempre esteve presente nas reduções jesuíticas da região platina. Diante desta estratégia, a ocupação espanhola desta região foi facilitada e, no que tange a um planejamento desta ocupação, é na ação dos jesuítas que ele pode ser encontrado de maneira mais elaborada.

A OCUPAÇÃO DO ESPAÇO NA REGIÃO PLATINA APÓS O DECLÍNIO DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS

Alguns autores acreditam que a estabilidade dos jesuítas em seus assentamentos na região platina deveu-se apenas ao contexto específico das pressões coloniais que se abatiam sobre as populações indígenas. Neste sentido seu êxito:

«... fue tan solo aparente y debido en gran parte a los riesgos que atenazaban al indio tras la consolidación del dominio español. El régimen de encomiendas (que los jesuitas rechazaron en sus reducciones) así como la inminencia del peligro bandeirante desde Brasil, llevaron a los guaraníes a aceptar de mala gana un régimen de poblamiento que les protegía, aún cuando asfixiara sus principios más elementales de “supervivencia ambiental”»³⁵.

Esta concepção de Cañedo-Argüelles é parte de suas interpretações sobre a importância da mobilidade para a cultura guarani. A autora considera que a introdução da criação de gado teria sido fundamental para a estabilidade das Reduções guaranis. A horticultura presente nas reduções teria encontrado correspondência nos hábitos culturais e econômicos dos Guaranis. No entanto, a criação de gado, com a mobilidade constante que

³⁵ CAÑEDO-ARGÜELLES, Teresa: «Sociedades de frontera en el Alto Paraná. La obra de Félix de Azara y su papel como instrumento de planificación colonial». *Actas del VII Congreso Internacional de Historia de América*, pp. 127-139, Zaragoza, 1998, p. 134.

ela implica, também teriam dado maior liberdade aos indígenas, sendo importante fator de aceitação do sistema. Cañedo-Argüelles destaca ainda, que esta livre mobilidade da *ganaderia* levou a constantes conflitos de limites e áreas de criação com outros núcleos espanhóis, como é o caso de Corrientes³⁶.

Cañedo-Argüelles introduz a questão da importância da mobilidade na cultura guarani para apresentar seu estudo sobre o plano de ocupação do espaço missioneiro que Félix de Azara desenvolveu no final do século XVIII. Como Azara estava envolvido com a demarcação das fronteiras com o Brasil por ocasião do Tratado de limites de 1750, tratou de elaborar uma estratégia de povoamento que aproveitasse as tendências «naturais» da população com a necessidade de proteção da zona de fronteira. A partir da fundação de Batobí, dirigiu pessoalmente um plano de povoamento de 30 léguas de fronteira sobre as margens do rio Ybicuí³⁷. A *ganaderia* seria uma das «chaves» de sua política de povoamento, junto com a cristianização, que seria praticada em paróquias rurais que seriam marcos de referência para as populações indígenas.

O plano consistia na concessão de terras para os indígenas, na condição de as moradias serem estabelecidas junto aos seus ranchos, onde deveriam permanecer por um tempo mínimo de 5 anos. A cobrança normal de impostos, igual a destinada à colonos espanhóis, substituiria o tributo indígena³⁸. Azara propunha ainda, com este modelo de povoamento baseado na dispersão, o fim do sistema de comunidades, como o

³⁶ Cañedo-Argüelles apresenta os pleitos entre Corrientes e as Reduções Jesuíticas em função de conflitos por áreas de estâncias e as constantes incursões que guaranis missioneiros faziam em busca de gado nas terras que os correntinos consideravam suas por direitos. Isto levou inclusive a proibição de vaquerias de guaranis na área Correntina «... por dar satisfacción a las quejas de los colegios de Santa Fe y Corrientes y sus ciudadanos, que tenían que los pueblos de Yapeyú, Cruz y Santo Tomé les consumían las vaquerías con las continuas entradas que hacían». Disposición del provincial jesuita, Padre Lauro Núñez, en: *Colección de obras y documentos relativos a la Historia antigua y moderna de las provincias del Río de la Plata*, reunidos por Pedro de Angelis. Buenos Aires, 1836. In: CAÑEDO-ARGÜELLES FÁBREGA, Teresa: *Un modelo de colonización en el Alto Paraná: la Provincia de Corrientes en los siglos XVI y XVII*, CSIC, Madrid, 1988, p. 169.

³⁷ *Carta de Félix de Azara a Benito de la Mata Linares sobre la fundación de Batobí (1800)*, Real Academia de Historia de Madrid, Colección Mata Linares, T. LXXX. In: CAÑEDO-ARGÜELLES: 1998, p. 136, nota 25.

³⁸ *Carta de Félix de Azara...*, In: CAÑEDO-ARGÜELLES: 1998, p. 137, nota 26.

vigente nas reduções, pois este sistema seria contrário ao desenvolvimento por ele visualizado:

«un gobierno en comunidad [es aquel] en que no se permite la menor propiedad particular, en que nadie puede sacar la menor ventaja ni utilidad de su talento, industria, habilidad y virtudes, ni de sus facultades físicas, en que nadie es dueño de sí mismo, ni del tiempo, ni de su trabajo, ni del de su mujer y familia, en que la desnudez, la hambre y miserias oprimen a todos, y en que V. M. no saca ni ha sacado jamás un peso fuerte por los justos derechos habidos a la soberanía y a la protección que esta les franquea»³⁹.

Azara acreditava que seu sistema garantia três aspectos importantes para objetivos econômicos, políticos e culturais: econômico, através do desenvolvimento da criação de gado; político, através da garantia das fronteiras; e cultural, na medida em contemplaria a possibilidade de manutenção do sistema de dispersão indígena. A proposta foi aceita pela Coroa que, através de Cédula Real de 17 de maio de 1803, prescrevia o regime de comunidades, concedendo plena liberdade aos Guaranis que continuavam vivendo em reduções após a expulsão dos jesuítas. No entanto, a Cédula mantinha o afastamento entre populações indígenas e colonos, o que era visto por Azara como contrário às suas idéias, pois ele acreditava nos benefícios da interação entre ambas as comunidades, visando a proteção da fronteira. O plano de Azara era antagônico ao sistema de reduções estabelecido pelos jesuítas anteriormente. Azara teria reconhecido no sistema de reduções uma contradição entre os princípios mais elementares da ecologia cultural:

«los eclesiásticos, ignorando la historia y más el carácter de las diferentes naciones de indios, han preferido para sus empresas las citadas naciones, que son tan indomables como que ni los heróicos conquistadores pudieron sujetarlas ni adelantar nada con ellas, ni creo posible que nadie lo consiga por otro medio que el de buen trato y comercio (...) La fuerza podrá a la larga exterminarlas, mas no domarlas ni persuadirlas. Si los eclesiásticos se hubieran dirigido a los Guaranés silvestres, más dóciles que las citadas naciones, no habrían encontrado tantas dificultades»⁴⁰.

³⁹ *Ibíd.*, p. 137, nota 27.

⁴⁰ *Ibíd.*, p. 135, nota 24.

Na visão de Azara, a *ganaderia*, e sua necessária mobilidade, poderia harmonizar-se com a idiosincrasia cultural das populações indígenas. No entanto, é preciso considerar que o próprio Azara reconhece que nos Guaranis tendências à sedentarização mais favoráveis ao sistema de Reduções. Cañedo-Argüelles acredita que a *ganaderia* foi o único traço que restou da experiência das reduções após seu colapso e que isto estaria ligado a aspectos culturais de mobilidade:

«Por su parte los guaraníes reducidos habían incorporado las prácticas estancieras a su tecnología económica hasta el punto de que, tras la expulsión de los Jesuitas y una vez desmantelado el antiguo sistema de reducciones, mantuvieron estos hábitos como únicos vestigios de sus experiencias de aculturación y los cuales se vieron propiciados por su natural tendencia a vivir en régimen de dispersión»⁴¹.

Conforme se percebe nestas considerações de Cañedo-Argüelles, os guaranis teriam mantido os hábitos e ofícios aprendidos na criação de gado porque isto estaria relacionado com suas tendências a mobilidade. No entanto, a que se questionar também, se os guaranis, após a desestruturação do sistema de reduções tiveram alternativas de sobrevivência econômica e cultural que não aquelas destinadas à mão-de-obra das crescentes estâncias da região. A autora acredita que a estratégia proposta por Azara teria sido o primeiro planejamento espanhol para a ocupação do espaço platino. Que Félix de Azara apresentou um planejamento de ocupação de espaço baseado em critérios culturais, geográficos, econômicos e políticos não há motivo para opor dúvidas. No entanto, esta atitude já estava presente na ação jesuítica dois séculos antes das proposições do *ingeniero delineador de plazas militares y fronteras*.

Desde o princípio da ação jesuítica esteve presente uma estratégia, que combinou os elementos culturais guaranis com um planejamento da forma como deveriam dar-se as fundações de reduções na região platina. Os núcleos urbanos deveriam ser organizados seguindo um plano ordenado de ruas e estruturas arquitetônicas, visando uma expansão controlada. Os povoados deveriam respeitar uma distância que permitisse a comunicação entre os mesmos e a demarcação de áreas de cultivo e pastoreio. A situação de fronteira foi um elemento importante no tocante ao

⁴¹ *Íbidem*, p. 136.

apoio dado pela coroa espanhola as iniciativas dos missionários da Companhia de Jesus. Ao longo do século XVII, a experiência adquirida nas fundações de reduções sentou as bases das estratégias seguidas mais tarde, quando do retorno a região do Tape e o estabelecimento de sete novas reduções. Tanto Roque Gonzáles, quanto Antônio Sepp são exemplos da continuidade desta estratégia que foi adquirindo mais consistência à medida que transcorria a ocupação de novas áreas. Quando mais tarde, Félix de Azara apresentou sua proposta de estabelecer uma ocupação planejada da região onde anteriormente estavam as reduções jesuíticas, também contemplou muitos dos aspectos que já estavam presentes na ação dos jesuítas. Talvez a principal distinção entre o planejamento jesuítico e aquele levado a cabo por Azara esteja na proposta deste último de fragmentar as comunidades através da introdução de propriedades privadas para as famílias indígenas. Este projeto já não contemplava mais uma ocupação integrada do espaço, mas sim, o estabelecimento de um conjunto de pequenas propriedades, estendo-se pela fronteira com as possessões portuguesas. O caráter geopolítico esteve mais acentuado nas propostas de Azara, sobretudo em função da necessidade de estabelecer claramente os limites entre as duas coroas ibéricas após o fracasso do Tratado de Madrid. O contexto regional em que atuava Azara diferia muito daquele que encontraram os jesuítas no início do século XVII. O estudo das formas de atuação jesuítica na região platina, levando em consideração suas estratégias e a integração das realidades urbanas e rurais de suas Reduções, poderia auxiliar na compreensão da ocupação desta área ocorrida entre os séculos XVII e XVIII⁴².

BIBLIOGRAFÍA

ACOSTA, José de: *Historia natural y moral de las Indias*. Fondo de Cultura Económica, México, 1940.

BARCELOS, Artur H. F.: *Espaço e Arqueologia nas Missões Jesuíticas: o caso de São João Batista*. Col. Arqueologia, vol. 7, EDPUCRS, Porto Alegre, 2000.

⁴² Ver o artigo BARCELOS, Artur H.F.: *O espaço missioneiro: a integração urbano-rural das missões jesuíticas nos séculos XVII e XVIII*. Anales de las VII Jornadas Internacionales sobre las Misiones Jesuíticas. IIGHI-CONICET (Instituto de Investigaciones Geo-históricas —Consejo Nacional de Investigación de Ciencia y Tecnología), Resistencia, Argentina, 1999, pp. 45-61.

- *O espaço missioneiro: a integração urbano-rural das missões jesuíticas nos séculos XVII e XVIII*. Anales de las VII Jornadas Internacionales sobre las Misiones Jesuíticas. IIGHI-CONICET, Resistencia, Argentina, 1999, pp. 45-61.
- CAÑEDO-ARGÜELLES FÁBREGA, Teresa: *Un modelo de colonización en el Alto Paraná: la Provincia de Corrientes en los siglos XVI y XVII*, CSIC, Madrid, 1988.
- «Sociedades de frontera en el Alto Paraná. La obra de Félix de Azara y su papel como instrumento de planificación colonial». *Actas del VII Congreso Internacional de Historia de América*, pp. 127-139, Zaragoza, 1998.
- CARBONELL DE MASY, Rafael: *Estrategias de desarrollo rural en los pueblos Guaranés (1609-1767)*, Antoni Bosch Editor, Barcelona, 1982.
- CÉSAR, Gulhermino. *Primeiros Cronistas do Rio Grande do Sul 1605-1801*, EDUFRGS, Porto Alegre, 1981, 2.^a ed.
- ESTRADA, José M.: *Fragmentos históricos*, Buenos Aires, 1901, p. 374.
- FURLONG, Guillermo: *Los Jesuitas y la Cultura Rioplatense*, Ed. Universidad del Salvador, Buenos Aires, 1984.
- KERN, Arno A.: *Antecedentes Indígenas*. EDUFRGS, Porto Alegre, Col. Síntese Universitária, 1994.
- MAEDER, Ernesto, J.A.: «Analogías y diferencias entre las reducciones guaraníes de franciscanos y jesuítas. Un ensayo de evaluación demográfica de sus resultados». In *V Jornadas Internacionales —Misiones Jesuíticas— Anais*, Montevideo, 1994, pp. 91-109.
- MARTÍNEZ MARTÍN, Carmen; CARBONELL DE MASY, Rafael: «Análisis comparativo de las Cartas Anuas de la Provincia jesuítica del Paraguay (1618-1619) con a dos documentos previos». *Revista Complutense de História de América*, UCM, 18, 1992, pp. 159-178.
- MELIÁ, Bartomeu: «Las reducciones jesuíticas del Paraguay: un espacio para una utopía colonial». *Estudios Paraguayos*, n.º 06 (1), 1978.
- «La demografía del Tape: una evaluación». In: *Anais do IV Simpósio Nacional de Estudos Misioneiros*, Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1981.
- MESSMACHER, Miguel: *La búsqueda de Dios. Ocupación jesuita de la Baja California*. Fondo de Cultura Económica, México, 1997.
- MONTOYA, Antonio Ruiz de: *Tesoro de la lengua Guaraní*, Juan Sánchez, Madrid, 1639.
- *Arte y Vocabulario de la Lengua Guaraní*, Juan Sánchez, Madrid, 1640.

PESAVENTO, Sandra Jatahy: *História do Rio Grande do Sul*. Mercado Aberto, Porto Alegre, 5.^a Edição, 1990.

SEPP, Antônio: *Continuacion de Las Labores Apostólicas*. Editorial Universitária, Buenos Aires, 1973.

VERDESIO, Gustavo: *La invención del Uruguay: la entrada del territorio y sus habitantes a la cultura occidental*. Editorial Graffiti e Editorial Trazas, Montevideo, 1996.

Documento:

De la población de las ciudades, villas y pueblos, Libro III, Tit. VII, p. 19. Ordenanza II e III. Recopilación de leyes de los reynos de las Indias. Madrid, Impresora de dicho Real y Supremo Consejo, 1971.